

## I. INTRODUÇÃO

1. Tenho muita honra em recebê-los aqui no Supremo Tribunal Federal, um ano após o ataque às sedes dos três Poderes da República brasileira. Registro a presença dos Ministros da Casa que puderam comparecer, bem como a presença de todas as autoridades e, com especial alegria, da Ministra Rosa Weber, que liderou a reconstrução deste salão e dos outros ambientes do Tribunal, que foram profanados.

2. Jamais esqueceremos! E estamos aqui para manter viva a memória do episódio que remete ao país que não queremos. O país da intolerância, do desrespeito ao resultado eleitoral, da violência destrutiva contra as instituições. Um Brasil que não parece com o Brasil.

3. Na minha gestão, elegemos como dois fundamentos a linguagem simples e a brevidade. Por isso mesmo, serão simples e breves as minhas palavras, divididas em três capítulos: a destruição, a reconstrução e a pacificação.

### Parte I

#### *A DESTRUIÇÃO*

1. Eram cerca de 8 horas da noite quando a Ministra Rosa Weber e eu atravessamos as esquadrias destruídas da entrada do Tribunal e avistamos o espetáculo de horror à nossa frente. Estilhaços de vidros, retratos atirados ao chão, móveis depredados, o Crucifixo arrancado da parede, a bancada do plenário pisoteada, o tapete queimado, água por todo lado, inscrições de ódio pelas paredes.

2. Um cenário de barbárie, motivado por uma animosidade que foi artificialmente cultivada por anos a fio. Extremistas que não velam pelas instituições, que não respeitam as pessoas, que não cultivam os valores da civilidade e da harmonia social. Vivem de inventar inimigos. Quixotes do mal.

3. Em meio a tudo o que vi e ouvi, poucas coisas me impressionaram mais do que o relato de um dos nossos bravos policiais judiciais, que enfrentaram com destemor e em grande desvantagem numérica a horda de bárbaros invasores. Narrou-me

ele que após arremessarem objetos, dar marretadas nas paredes e atear fogo aos tapetes, ajoelhavam-se no chão e rezavam fervorosamente.

4. Onde, Deus do céu, se pode imaginar essa implausível mistura de ódio e religiosidade, incapaz de distinguir o bem do mal. Nenhuma gota de apreço ao próximo, como pregam as escrituras.

⇒ Falsos patriotas que não respeitam os símbolos da Pátria. Falsos religiosos que não cultivam o bem, a paz e o amor. Desmoralizaram Deus e a bandeira nacional. O que assistimos aqui foi a mais profunda e desoladora derrota do espírito.

5. Numa espécie de alucinação coletiva, milhares de pessoas, aparentemente comuns, insufladas por falsidades, teorias conspiratórias, sentimentos antidemocráticos e rancor foram transformadas em criminosos, aprendizes de terroristas.

6. Estão sendo todos processados, na forma da lei, pelos crimes que cometeram: tentativa de golpe de Estado, de abolição violenta do Estado democrático de direito e a depredação do patrimônio público, entre outros delitos.

⇒ Nenhum juiz fica feliz ao condenar uma pessoa. Mas o direito penal tem como uma de suas funções principais a ideia de prevenção geral. Pune-se para desestimular as pessoas de delinquirem. Tratar com condescendência o que aconteceu é dar um incentivo para que os derrotados da próxima eleição, sejam quem forem, também se sintam no direito de depredar os prédios das instituições públicas. Estamos aqui para evitar que isso aconteça de novo.

## Parte II

### *A RECONSTRUÇÃO*

1. A resposta do Tribunal não veio com palavras, mas com ação. Em meio a toda a destruição, sobressaiu a face amorosa do dedicado trabalho de dezenas de servidores e colaboradores na reconstrução não apenas do Plenário, mas de todo o edifício-sede. Homenageio aqui, além da Ministra Rosa Weber, já referida, seus fiéis escudeiros, Estêvão Waterloo e Miguel Piazzzi.

2. A história deixará documentado que, no dia 1º de fevereiro, realizamos regularmente a sessão solene de abertura do Ano Judiciário e, num gesto simbólico de reafirmação da justiça, abraçamos o prédio do Supremo Tribunal Federal. Éramos mais

de mil pessoas, presentes fisicamente, e milhões de outras que, em espírito, celebravam a vitória da luz sobre as trevas.

3. Há um aspecto que considero particularmente triste no episódio do dia 8 de janeiro, que foi a vandalização do acervo histórico e artístico da Corte. Um meticuloso processo de restauração de todo esse acervo está sendo executado, mas há peças que não são passíveis de serem restauradas.

4. Como forma de documentar e proporcionar a reflexão sobre a gravidade do atentado, o STF criou pontos de memórias com as marcas da violência, inclusive com peças que não puderam ser restauradas. O objetivo é que os fatos vivenciados sejam parte da história institucional do Supremo e da sociedade brasileira, para que o episódio jamais seja esquecido nem tampouco se repita.

5. Na exposição “Reconstrução, Memória e Democracia” alguns desses momentos de destruição e reconstrução são revividos. Agradeço o empenho e a dedicação da Secretária de Altos Estudos, Patrícia Perrone Campos Mello, e da servidora Ana Paula Alencar, que trabalharam durante todo o recesso para viabilizar a exposição.

### Parte III

#### *PACIFICAÇÃO*

1. Na vida brasileira, já conhecemos o “caminho maldito” da ditadura, na expressão de Ulysses Guimarães. E no 8 de janeiro constatamos as consequências dramáticas da incivilidade, dos discursos de ódio e da desinformação. Hora de fazer diferente e retomarmos os ideais iluministas e civilizatórios da Constituição de 1988.

2. Quem pensa diferente de mim não é meu inimigo, mas meu parceiro na construção de uma sociedade aberta, plural e democrática. A verdade não tem dono. Existem patriotas autênticos com diferentes visões de país. Ninguém tem o monopólio do amor ao Brasil.

3. Precisamos viver a verdadeira pacificação da sociedade, em que pessoas que pensam de maneira diferente possam se sentar à mesma mesa e conversarem, com respeito e consideração, sem ofensas ou desqualificações. Em busca das melhores soluções para um país melhor e maior. O Brasil merece.